

A PRESENÇA FEMININA NOS CURSOS DE CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO: DESAFIOS DE INGRESSO E REPRESENTATIVIDADE ACADÊMICA

Laís Domingues Bueno¹, Letícia Oliveira Correa²

¹Universidade de Marília, Marília, Brasil, laisdobueno@gmail.com

²Universidade de Marília, Marília, Brasil

Resumo: Embora as mulheres representem parcela expressiva do ensino superior brasileiro, sua presença nos cursos de Ciência da Computação ainda é reduzida. Este estudo, de caráter bibliográfico, analisa desafios de ingresso e representatividade acadêmica, considerando estereótipos de gênero, ausência de referências femininas, barreiras socioculturais e institucionais que dificultam o pertencimento, a permanência e a participação feminina. Busca-se contribuir para reflexões sobre inclusão na área.

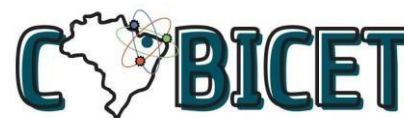
Palavras-chave: Mulheres na Computação; Ciência da Computação; Representatividade feminina; Ensino superior; Desigualdade de gênero.

INTRODUÇÃO

A presença feminina no ensino superior brasileiro revela um cenário marcado por avanços e contradições. De acordo com dados do Censo da Educação Superior 2023, as mulheres representam 59,1% das matrículas e 59,4% dos ingressantes nesse nível de ensino no Brasil (INEP, 2025). No entanto, essa predominância não se distribui de maneira uniforme entre as áreas do conhecimento. Nos cursos ligados à Computação e às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), observa-se uma realidade distinta, caracterizada pela baixa participação feminina e pela permanência de desigualdades históricas de gênero. A sub-representação de mulheres na Computação não se limita a uma diferença quantitativa entre homens e mulheres matriculados. Trata-se de um fenômeno social, educacional e cultural, relacionado à forma como a área foi historicamente associada ao universo masculino. Maia (2016), ao analisar a presença feminina nos cursos superiores brasileiros do campo da Computação, aponta que os limites de gênero permanecem como elemento importante para compreender a baixa adesão de mulheres a essas formações. De modo semelhante, Lopes et al. (2023) destacam que, em 2021, as mulheres representavam menos de 20% dos estudantes ingressantes e menos de 16% dos concluintes em cursos superiores de tecnologia no Brasil, indicando que o problema envolve tanto o ingresso quanto a trajetória acadêmica.

Diversos fatores contribuem para esse cenário. Entre eles, destacam-se os estereótipos de gênero, a falta de incentivo desde a educação básica, a ausência de referências femininas na área, o desconhecimento sobre as possibilidades profissionais da Computação e a percepção de que esse campo não pertence às mulheres. Estudos internacionais também indicam que os estereótipos culturais funcionam como barreiras simbólicas, influenciando o interesse de meninas por áreas como Ciência da Computação e Engenharia desde etapas anteriores ao ensino superior (Cheryan; Master; Meltzoff, 2015). Assim, a escolha pelo curso não pode ser compreendida apenas como uma decisão individual, mas como resultado de experiências, expectativas sociais e oportunidades desiguais construídas ao longo da formação escolar.

A representatividade acadêmica também se apresenta como dimensão relevante. A permanência de mulheres nos cursos de Ciência da Computação pode ser afetada por sentimentos de isolamento, baixa autoconfiança, falta de pertencimento, discriminação e ausência de modelos femininos nos espaços acadêmicos. Silva et al. (2022), em revisão sistemática sobre problemas enfrentados por alunas de graduação em Ciência da Computação, identificam fatores como falta de referências, estereótipos, autopercepção inadequada, depreciação de gênero, indiferença de terceiros e baixo sentimento de pertencimento. Esses aspectos demonstram que



ampliar a presença feminina na Computação exige mais do que incentivar o acesso: requer também ambientes acadêmicos acolhedores, representativos e comprometidos com a equidade.

Nesse contexto, iniciativas como projetos de extensão, mentorias, oficinas, palestras e programas de incentivo têm buscado aproximar meninas e mulheres da Computação. O Programa Meninas Digitais, da Sociedade Brasileira de Computação, criado em 2011 e institucionalizado em 2015, é um exemplo de ação voltada à divulgação da área e ao estímulo da participação feminina em carreiras de Computação (SBC, s.d.). Entretanto, a literatura aponta que tais iniciativas precisam ser contínuas e acompanhadas de mudanças institucionais mais amplas, capazes de enfrentar barreiras socioculturais e fortalecer o pertencimento feminino nos cursos superiores.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar, por meio de revisão bibliográfica, os principais desafios relacionados ao ingresso e à representatividade feminina nos cursos de Ciência da Computação. Busca-se discutir como estereótipos de gênero, ausência de referências, barreiras socioculturais e fatores institucionais influenciam a presença das mulheres na área, contribuindo para reflexões sobre inclusão, permanência e equidade no ensino superior em Computação.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e finalidade exploratória-descritiva. A investigação foi desenvolvida a partir da análise de artigos científicos, revisões sistemáticas, estudos publicados em anais acadêmicos e documentos institucionais relacionados à presença feminina nos cursos de Ciência da Computação e áreas correlatas.

As buscas foram direcionadas a bases e repositórios científicos, como SciELO, Portal de Publicações da Sociedade Brasileira de Computação e Google Acadêmico, além de documentos oficiais do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Foram utilizados descritores como “mulheres na computação”, “Ciência da Computação”, “gênero e tecnologia”, “representatividade feminina”, “ingresso feminino na computação” e “permanência acadêmica”.

Foram priorizados trabalhos publicados entre 2016 e 2026, além de estudos anteriores considerados relevantes para a compreensão histórica e social da temática. A seleção considerou publicações que abordassem diretamente a participação feminina na Computação, os desafios de ingresso, os fatores socioculturais associados à baixa representatividade, a permanência acadêmica e as iniciativas de incentivo à presença de mulheres na área.

Após a leitura e análise dos materiais selecionados, as informações foram organizadas em três eixos: presença feminina no ensino superior; fatores que dificultam o ingresso de mulheres na Ciência da Computação; e representatividade acadêmica relacionada ao pertencimento, à permanência e à inclusão.

Além da seleção por tema e período de publicação, a leitura dos materiais buscou identificar de que forma cada estudo explicava a baixa presença feminina na Computação. Por isso, não foram considerados apenas dados numéricos sobre matrícula, ingresso ou conclusão, mas também discussões sobre incentivo na educação básica, pertencimento acadêmico, presença de referências femininas e experiências vividas por estudantes da área. Essa organização permitiu relacionar os obstáculos anteriores ao ingresso com os desafios que permanecem durante a formação universitária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura evidencia que a baixa presença feminina nos cursos de Ciência da Computação não pode ser compreendida como um fenômeno isolado ou meramente individual. Embora as mulheres representem maioria no ensino superior brasileiro, com 59,1% das matrículas e 59,4% dos ingressantes registrados no Censo da Educação Superior 2023, essa participação não se reflete de maneira proporcional nos cursos ligados à Computação e às TIC (INEP, 2025). Esse contraste demonstra que o acesso feminino à universidade avançou, mas ainda existem áreas fortemente marcadas por desigualdades de gênero.

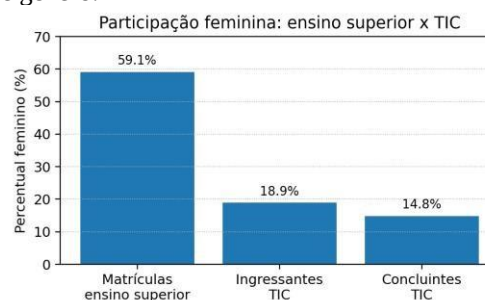
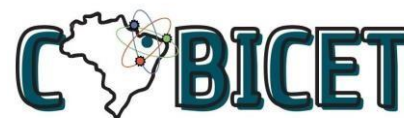


Figura 1. Participação feminina no ensino superior brasileiro e nos cursos superiores de TIC. Fonte: elaboração própria com base em INEP (2025) e Lopes et al. (2023).

A Figura 1 permite observar que a desigualdade não está no acesso feminino ao ensino superior de modo geral, mas na distribuição das mulheres entre as diferentes áreas do conhecimento. Enquanto elas aparecem como maioria nas matrículas do ensino superior brasileiro, sua presença diminui de forma expressiva quando o recorte se volta aos cursos superiores de TIC. Esse contraste foi central para a análise, pois demonstra que a discussão sobre mulheres na Computação precisa considerar tanto a



escolha inicial pelo curso quanto as condições oferecidas para permanência e conclusão da formação.

Nos cursos de Computação, a literatura aponta uma permanência histórica da predominância masculina.

Maia (2016) discute que a presença feminina nos cursos superiores brasileiros do campo da Computação é atravessada por limites de gênero que se mantêm mesmo em um cenário de ampliação do ensino superior. Essa constatação indica que a baixa participação de mulheres não decorre da ausência de capacidade ou interesse natural, mas de construções sociais que associam determinadas áreas do conhecimento, especialmente as tecnológicas, ao universo masculino.

Os estudos analisados também indicam que os desafios começam antes do ingresso no ensino superior. Desde a educação básica, meninas podem ter menor estímulo para se aproximarem da programação, da lógica computacional, dos jogos digitais, da robótica e de outras experiências associadas à Computação. Menezes e Santos (2021), em revisão sistemática sobre gênero na educação em Computação no Brasil, analisam fatores relacionados à menor presença feminina nos cursos da área e destacam a importância de iniciativas que aproximem meninas da Computação ainda antes da escolha profissional. Dessa forma, o ingresso feminino na Ciência da Computação está relacionado não apenas à oferta de vagas, mas também às oportunidades de contato, incentivo e identificação com a área. Outro aspecto recorrente na literatura refere-se à representatividade acadêmica. A ausência de professoras, pesquisadoras, alunas veteranas e profissionais mulheres em posição de destaque pode dificultar o sentimento de pertencimento das estudantes. Silva et al. (2022), em revisão sistemática sobre problemas enfrentados por alunas de graduação em Ciência da Computação, identificam fatores como falta de referências femininas, estereótipos, baixa autoconfiança, discriminação, depreciação de gênero e sentimento de isolamento. Esses elementos demonstram que a permanência das mulheres na área depende também da construção de ambientes acadêmicos acolhedores e representativos.

Além disso, os dados discutidos por Lopes et al. (2023) reforçam que, mesmo com sinais recentes de crescimento, a participação feminina nos cursos superiores de TIC permanece reduzida. O estudo aponta que a proporção de mulheres ingressantes na área passou de 13,39% em 2017 para 18,9% em 2021, enquanto a proporção de mulheres concluintes em 2021 foi de 14,8%. Esses números revelam que o desafio não se limita a atrair mulheres para a área, mas também envolve garantir condições para que elas permaneçam, concluam o curso e se reconheçam como parte legítima da Computação.

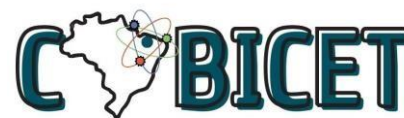
Nesse cenário, iniciativas de incentivo assumem papel importante. Estudos recentes também indicam que ações de capacitação, como minicursos, palestras e

eventos, estão entre as estratégias mais utilizadas para promover o ingresso e a permanência feminina na Computação (Soares; Ribeiro; Silva Neto, 2024). O Programa Meninas Digitais, da Sociedade Brasileira de Computação, constitui uma das principais ações nacionais voltadas à ampliação da participação feminina na Computação. Suas atividades envolvem oficinas, palestras, minicursos, ações em escolas e projetos parceiros, buscando despertar o interesse de meninas pela área e apoiar estudantes que já ingressaram em cursos de Computação (SBC, s.d.).

O Programa Meninas Digitais, da Sociedade Brasileira de Computação, constitui uma das principais ações nacionais voltadas à ampliação da participação feminina na Computação. Suas atividades envolvem oficinas, palestras, minicursos, ações em escolas e projetos parceiros, buscando despertar o interesse de meninas pela área e apoiar estudantes que já ingressaram em cursos de Computação (SBC, s.d.). Na análise realizada, esse tipo de iniciativa se mostra relevante não apenas por divulgar a Computação, mas por criar situações concretas de identificação. O contato com professoras, pesquisadoras, estudantes veteranas e profissionais da área pode contribuir para reduzir a percepção de que a Computação é um espaço exclusivamente masculino. No entanto, para que esse impacto seja mais consistente, tais ações precisam estar articuladas a uma cultura institucional de acolhimento, acompanhamento e valorização da presença feminina. Assim, os resultados da revisão apontam que fatores socioculturais, educacionais e institucionais influenciam a presença feminina nos cursos de Ciência da Computação. O ingresso é afetado por estereótipos construídos desde a infância, pela ausência de incentivo e pela pouca visibilidade da Computação como possibilidade profissional para mulheres. Já a representatividade acadêmica interfere diretamente no sentimento de pertencimento e na permanência das estudantes. Dessa forma, ampliar a participação feminina na área exige ações que ultrapassem campanhas pontuais, envolvendo mudanças na cultura acadêmica, fortalecimento de redes de apoio e valorização da trajetória de mulheres na Computação.

CONCLUSÃO

A análise bibliográfica realizada permite concluir que a baixa presença feminina nos cursos de Ciência da Computação não decorre de ausência de capacidade ou interesse natural das mulheres pela área, mas de um conjunto de fatores sociais, culturais, educacionais e institucionais que influenciam suas escolhas acadêmicas e sua permanência no ensino superior. Embora as mulheres sejam maioria no ensino superior brasileiro, os cursos de Computação ainda apresentam uma participação feminina reduzida, evidenciando uma desigualdade que se mantém em áreas historicamente associadas ao universo masculino.



Os estudos analisados indicam que os desafios de ingresso estão relacionados à construção precoce de estereótipos de gênero, à falta de incentivo na educação básica, ao desconhecimento sobre as possibilidades profissionais da Computação e à ausência de referências femininas próximas. Já no ambiente acadêmico, a representatividade assume papel central, pois a falta de modelos femininos, o sentimento de isolamento e a percepção de não pertencimento podem comprometer a trajetória das estudantes.

Como contribuição, este trabalho evidencia que a baixa presença feminina na Ciência da Computação deve ser compreendida como um problema formativo e institucional, e não apenas como uma questão de escolha individual. Os dados e estudos analisados indicam que o incentivo ao ingresso precisa caminhar junto com estratégias de permanência, acolhimento e representatividade. Assim, fortalecer mentorias, redes de apoio, práticas pedagógicas inclusivas e ações de visibilidade feminina pode contribuir para que mais mulheres não apenas ingressem nos cursos de Computação, mas também permaneçam, concluam sua formação e se reconheçam como parte legítima da área.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade de Marília pelo incentivo e aos docentes do curso de Ciência da Computação pelas discussões e orientações que contribuíram para a construção deste trabalho.

REFERÊNCIAS

CHERYAN, S.; MASTER, A.; MELTZOFF, A. N. Cultural stereotypes as gatekeepers: increasing girls' interest in computer science and engineering by diversifying stereotypes. *Frontiers in Psychology*, v. 6, art. 49, 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Mulheres representam 59% das matrículas na educação superior. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/ptbr/assuntos/noticias/institucional/mulheresrepresentam-59-das-matriculas-na-educacaosuperior>. Acesso em: 12 jul. 2026.

LOPES, R.; MACIEL, B.; SOARES, D.; FIGUEIREDO, L.; CARVALHO, M. Análise e reflexões sobre a diferença de gênero na computação: podemos fazer mais? *Anais do XVII Women in Information Technology*, p. 68-79, 2023.

MAIA, M. M. Limites de gênero e presença feminina nos cursos superiores brasileiros do campo da computação. *Cadernos Pagu*, n. 46, p. 223-244, 2016.

MENEZES, S. K. O.; SANTOS, M. D. F. Gênero na Educação em Computação no Brasil e o ingresso de meninas na área: uma revisão sistemática da literatura.

Revista Brasileira de Informática na Educação, v. 29, p. 456-484, 2021.

SILVA, U. F.; FERREIRA, D. J.; AMBRÓSIO, A. P. L.; OLIVEIRA, J. L. S. Problemas enfrentados por alunas de graduação em ciência da computação: uma revisão sistemática. *Educação e Pesquisa*, v. 48, e236643, 2022.

SOARES, K. N.; RIBEIRO, P. V. S.; SILVA NETO, M. G. Iniciativas brasileiras para ingresso e permanência de mulheres na área de computação: um mapeamento sistemático da literatura. *Revista Brasileira de Computação Aplicada*, v. 16, n. 2, p. 6074, 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMPUTAÇÃO (SBC). Sobre o Programa Meninas Digitais. Sociedade Brasileira de Computação, s.d. Disponível em: <https://meninas.sbc.org.br/sobre-nos/>. Acesso em: 12 jul. 2026.